

**CUILHERME TELL**

**TEM OS OLHOS**

**TRISTES**



**CITAC**

CIRCULO DE INICIAÇÃO TEATRAL DA ACADEMIA DE COIMBRA

#### MEMBROS DO GRUPO:

Artur, Branco, Luís, Paulo, Bandeirinha, Jerônimo, Wanna, Parada, Peixoto, Diniz, Henrique, Lai, Antero, Olga, Humberto, Manuela, Jorge Humberto, Mané, Tozé, Amorim, Aires, João Viegas.

Esta peça, "GUILHERME TELL TEM OS OLHOS TRISTES", agora apresentada pelo CITAC, nasceu de uma discussão colectiva sobre a homónima de Alfonso Sastre, dramaturgo anti-fascista espanhol.

Se inicialmente o original recebeu a pronta e entusiástica adesão dos membros do grupo, com o tempo, e mercê das mudanças constantes do processo revolucionário em Portugal, foi sofrendo modificações que visavam três objectivos fundamentais:

1. *Adaptar de um certo modo o conteúdo da peça ao que se passa presentemente em Portugal, ou melhor ao que se passaria em Portugal se ...*
2. *Ultrapassar a perspectiva meramente anti-fascista que Sastre apresenta no original e alargá-la ao campo de luta anti-capitalista, pelo poder popular, pela revolução socialista.*
3. *Ultrapassar a visão individualista de Sastre que entende a Revolução como um processo dependente de indivíduos determinados e fornecer uma perspectiva da Revolução como um processo contínuo realizado pelas massas o que, esperamos, se conseguiu, não só pelo aditamento da 7.<sup>a</sup> cena, como pela desmistificação do "herói Tell".*

É fundamental, para compreensão da peça e da sua função, uma correcta interpretação das personagens, seus papéis e objectivos. Assim temos o "herói" Tell, que, em virtude de um temperamento impulsivo e de uma especial sensibilidade para as condições de miséria em que vive o povo, se torna como o símbolo da revolta de resistência ao regime opressor. É ele quem desencadeia acidentalmente, todo o processo revolucionário. É ele, quem, enlouquecido pelo poder e pela perda do filho, quer matar o que ajudara a nascer, abandonando os Companheiros das organizações populares de base agrupados em milícias armadas, refugiando-se no trono, Símbolo último da repressão destruída.

Furst, sogro de Tell, é um homem que sob a capa do "humanismo", pretende manter tudo na mesma; contra ele se levantam as vozes de alguns companheiros, que o abandonam a ele e à sua alternativa francamente social-democrata.

O Governador, mais do que o homem a matar é o símbolo odioso do regime, do sistema. Não é a ele que se dirigem os ataques principais. E ao que ele representa, à exploração e opressão que comanda e de quem depende.

Mas o grande personagem, não só nesta peça, como na realidade é o proletariado; são os operários, os camponeses, os trabalhadores que tudo produzem e nada gerem, que se libertam, que põem fim ao espectáculo cruel de um sistema injusto.

Propomo-nos a desmistificação do teatro como espectáculo, por um teatro de acção. Que o espectador se interrogue no seu quotidiano sobre os dados que o desenvolvimento dramático lhe lança, e se dedique à acção de acabar de vez com este espectáculo social de injustiça. "A libertação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores" (Karl Marx).

Bertolt Brecht

I

A injustiça avança hoje a passo firme  
Os tiranos fazem planos para dez mil anos  
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são  
E em todos os mercados a exploração proclama:  
isto é apenas o meu começo  
Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem:  
Aquilo que nós queremos nunca mais alcançaremos

II

Aquele que ainda vive não deve dizer: nunca!  
O que está assegurado não está seguro.  
As coisas não ficam como estão.  
Quando aqueles que reinam despoticamente tiverem falado,  
Aqueles sobre quem eles reinam falarão.  
Quem ousa dizer nunca?

C I T A C

Baseada na peça com o  
mesmo nome de

ALFONSE SASTRE